

## A vida pela lente do literário: anotações da personagem Nick Carraway de *The Great Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald

### Life by the literary lens: notes of the character Nick Carraway in *The Great Gatsby*, by F. Scott Fitzgerald

Lázaro Montes Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo propõe suscitar questões a respeito da necessidade da literatura para a construção social e pessoal dos indivíduos, tendo em vista que a mesma é uma fonte de linguagem poderosa que pode ser usada para denunciar, advertir e humanizar. A fim de estabelecer essa discussão, analisaremos a obra de F. Scott Fitzgerald “The Great Gatsby” nos debruçando, principalmente, sobre a trajetória do narrador-personagem Nick Carraway. A relevância da avaliação desse personagem se dá porque assim como o próprio Fitzgerald, ao mesmo tempo em que busca entender a si mesmo, Carraway recorre à literatura para se posicionar frente as mazelas sócias observadas nos gloriosos anos 20, período histórico no qual o enredo do livro se desenvolve.

**Palavras-chave:** Literatura; *Belle Époque*; Humanização.

**ABSTRACT:** This article proposes to raise questions about the necessity of literature to social and personal bloke construction, in a source of powerful language that can be used to report, warn and humanizing. In order to establish this discussion, it will be examined the work "The Great Gatsby" by F. Scott Fitzgerald in addressing mainly left the path of the character narrator, Nick Carraway. The relevance of the assessment of this character is by that as the Fitzgerald himself, while seeking to understand himself, Carraway uses literature to position front ill members observed in the glorious 20's, historical period in which the plot book develops.

**KEYWORDS:** Literature; *Belle Époque*; Humanization.

## Analizando o enredo e os personagens: um olhar crítico sobre *The Great Gatsby*

“The Great Gasby” foi escrito por Francis Scott Key Fitzgerald (1896-1940). A história desse livro se passa na cidade de Weast Egg e na agitada New York de 1922, período nomeado por alguns historiadores como “os anos dourados”, “anos loucos” ou então “Belle Èpoque”. Nick Carraway, narrador-personagem, é quem nos conta essa história repleta de festas esplendorosas, dinheiro, relações conflituosas, e por fim: amor.

No primeiro capítulo do livro, o narrador nos fala um pouco da sua trajetória de vida, nada mais justo tendo em vista que teremos contato com a história através das pala-

<sup>1</sup> Discente do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, 3º semestre, Universidade do Estado da Bahia (UNEB) CAMPUS II. E-mail: lazaromontes@outlook.com

bras dele e consideramos importante conhecê-lo para melhor compreendermos seu ponto de vista a respeito das coisas que o cerca.

Desta forma, mediante informações cedidas pela narrativa, podemos compreender Nick Carraway como um jovem solteiro, recentemente graduado, que apesar de ser descendente de uma linhagem abastada, não é detentor de uma renomada posição social. Assim como outros jovens ambiciosos, Nick migrou do Midwest para West Egg, uma cidade próxima a Nova Iorque, deixando para trás o seu antigo desejo de se tornar um escritor, a fim de atuar no rentável mercado de títulos da bolsa, já que a mesma estava em alta naquele período.

Além disso, podemos encontrar em Carraway, um homem sensível, que carrega consigo um conselho dado pelo seu pai, na juventude dele, mas que ainda norteia a sua visão de mundo.

*In my younger and more vulnerable years my father gave me some advice that I've been turning over in my mind ever since. "Whenever you feel like criticizing any one," he told me, "just remember that all the people in this world haven't had the advantages that you've had. (FITZGERALD, 1922, p.4).*

No entanto, o narrador nos esclarece que as suas experiências vivendo em West Egg o fizeram ponderar seus anseios de guardar seus julgamentos "[...] that it has a limit." (FITZGERALD, 1922. p.4). Dessa forma, podemos olhar os relatos narrados por Nick, como uma maneira encontrada por ele para se expressar e, principalmente, se posicionar criticamente perante as mazelas morais vividas pelos indivíduos que compõe o enredo e a sociedade da época.

Nas linhas seguintes, o narrador faz um panorama da New York de 1922 e logo nos apresenta a um dos personagens principais dessa história, "the man who gives his name to this book" (FITZGERALD, 1922,p.4), o único que escapara da repulsa do narrador e podemos considerar isso as semelhanças existentes na personalidade dos dois.

De acordo a leitura do livro, podemos definir o personagem Jay Gatsby como um homem sombrio, um ex-militar que enriqueceu de maneira misteriosa e sempre realizava grandes festas, regadas a muita bebida – ainda que ele não comparecesse a todas elas. Além disso, podemos considerar Gatsby como um homem nostálgico e esperançoso, que tanto sonhava em reconquistar a sua amada quanto ser aceito como um legítimo rico.

Apesar de ambos terem servidos ao exercito, a relação entre Jay e Nick realmente se estabelece quando Carraway, ao chegar em Weast Egg, passa a viver em um pequeno rancho, alugado, ao lado da mansão de Gatsby. No primeiro momento os dois personagens não têm muito contato, o narrador observa com certa reprovação e curiosidade à toda frivolidade e mistério que cerca a mansão e a vida do proprietário, até que um dia o mesmo é convidado à participar de uma celebração na residência do seu misterioso vizinho.

Do outro lado desse enredo, num vilarejo em East Eg, moram os Buchanan, família composta pela fútil e tolinha, prima de Nick, Daisy Buchanan e seu infiel marido, Ton. Daisy vive uma vida rica e infeliz, atormentada pelo descaso e pelas inúmeras traições de seu esposo, um ex-jogador de polo, bruto e racista, que mantém um caso extraconjugal com Myrtle, uma mulher esnobe, interesseira e esposa de um mecânico chamado Wilson. Ton Buchanan, assim como Daisy, já nasceram ricos e por isso desfrutam o titulo de “Aristocratas tradicionais”, ou “velhos ricos”. Gatsby, por sua vez, apesar de ser bastante rico, ainda está ascendendo economicamente.

Em uma visita a propriedade dos Buchanan, Nick é apresentado a Jordan Baker, uma famosa e dissimulada jogadora de golfe, amiga e madrinha do casal Buchanan. Nick, então desenvolve uma superficial relação amorosa com Jordan e através dela ele fica sabendo que Gatsby teve um relacionamento com Daisy cinco anos antes do casamento dela, e que o mesmo deseja reencontra-la e para isso conta com o auxilio dele.

Dessa forma, enquanto Daisy começa a manter um secreto caso extraconjugal com Gatsby, Nick começa a compreender todo o mistério envolto por trás do Grade Gatsby. Assim, ele descobre que Jay fora rejeitado por Daisy, por ser muito pobre na juventude. Então ele passou um tempo servindo ao exército e ao voltar da guerra descobriu que Daisy havia se casado com um milionário. Assim, o antigo soldado, agora muito rico, tenta a todo custo chamar a atenção de Daisy e recuperar o seu amor do passado.

No entanto, essa rede de traições e de interesses individuais acaba numa grande tragédia. Durante uma discussão, Daisy revela ao seu marido que ela esta tendo um caso com Gatsby. Ao voltar para casa acompanhada por Gatsby em seu carro, Daisy, ainda descontrolada emocionalmente, provoca o atropelamento e mata da amante de Ton. Po-

rém, Ton convence Wylson, que o culpado pela morte da esposa dele tenha sido Jay Gatsby, que acaba sendo morto pelo mecânico.

Assim, diante de toda essa tragédia, Daisy e Ton Buchanan vão embora de Nova York para “[...] *wherever people played polo and were rich together*” (FITZGERALD, 1922, p.8), como bem pontuou Nick. O corpo de Gatsby, por sua vez, acaba sendo velado apenas por Mr. Gatz (pai de Gatsby), “Own eyes” e Carraway que manteve a sua lealdade e amizade até nos últimos momentos, mostrando-se diferente das outras pessoas que só se interessavam pelas festas que Jay proporcionava.

Por fim, desiludido com o sonho que havia arquitetado para desfrutar na promissora Nova Iorque, e com uma enorme aversão ao clima de ganância, individualismo e mentiras que estava impregnado por toda a sociedade da época. Nick Carraway volta pra Mideast e como forma de retratar e ao mesmo tempo libertar-se de tudo o que presenciara, resolve escrever “The Great Gatsby”.

### ***Belle Époque* (entre o luxo, poder e glória)**

Francis Scott Key Fitzgerald foi um escritor, poeta e roteirista norte-americano. Suas obras são consideradas como os mais importantes retratos de sua época, mostrando fases muito importantes da história de seu país, incluindo a I e a II Guerras Mundiais e a grave crise econômica de 1929.

*The Great Gatsby* (1922) não foge a essa característica da escrita de Fitzgerald. Nesta obra, são retratadas grandes referências da década de 20, quando a Europa estava dominada por um sentimento de paz, inovação e beleza, período que mais tarde ficaria conhecido como a *Belle Époque*.

Sob tais perspectivas, o período conhecido como *Belle Époque* - é uma expressão francesa que significa “Bela época” - Historicamente, foi um período que durou entre 1871 até o desenrolar da primeira guerra mundial (1914). Este período teve seu centro de expansão em Paris, que ficou conhecida como a capital da modernidade, contagiou toda a Europa e conseqüentemente influenciou o resto do mundo. Além disso, esse foi um momento histórico, marcado pelo otimismo, prosperidade econômica com os altos piques da bolsa de valores de Nova Iorque, inovações culturais, científicas e tecnológicas.

Entretanto, há de se reconhecer que a *Belle Époque*, representa um período grande beleza. As artes em geral se desenvolveram bastante neste período, pelo qual o *Jazz* se destacava como música do momento e era sempre tocada nas grandes festas, difundido nos bordéis e nas apresentações teatrais, que movimentavam a cultura do entretenimento.

Além disso, a literatura também evoluiu intensamente durante esse momento, resultando no surgimento de novos gêneros literários. Não bastando, o campo da ciência também aspirava grandes avanços, marcados pelo surgimento do telefone, o avião, os automóveis e a descoberta de novos remédios.

No entanto, a classe média alta americana foi considerada, em sua grande maioria, bastante fútil. Importava a eles somente a força do dinheiro, casamentos por interesse, festas espalhafatosas, consumismos desenfreados e assim se estabelecia a era do ouro que precedeu a primeira guerra mundial. Neste período, os interesses individuais falavam mais alto e assustados com o terror que se anunciavam com o surgimento da guerra, as pessoas viviam no imediatismo, querendo aproveitar a vida ao máximo sem se importar com os sentimentos alheios.

É nesse cenário, que Fitzgerald consegue captar com maestria e que estão inseridos os personagens de *The Great Gatsby*. De tal modo, um dos grandes símbolos dessa época, apresentado no livro é o personagem “Jay Gatsby” que representa os novos ricos que surgiram naquele período histórico. Os novos ricos não eram bem vistos socialmente, nem aceitos pelos “Aristocratas tradicionais”, eles eram considerados como pessoas espalhafatosas, detentores de modos deselegantes e exacerbados.

Além disso, durante esse período vigorava a “Lei seca” que durou de 1920 a 1933, quando foi e proibia a fabricação, transporte e comercialização de bebidas alcoólicas, nos Estados Unidos. No entanto, diversas pessoas (novos ricos) fizeram suas fortunas baseada na negociação de bebidas de forma ilegal. Em “*The Great Gatsby*”, o narrador não deixa claro qual a fonte da origem do dinheiro de Jay, apenas nos relata que esse fato sobre ele era motivo de curiosidade e instigava comentários dos convidados que compareciam as grandes festas que o mesmo produzia, regadas a muita bebida:

There was music from my neighbor's house through the summer nights. In his blue gardens men and girls came and went like moths among the whisperings and the champagne and stars (FITZGERALD, 1920. p.43).

Dessa forma, podemos inferir que a fortuna de Gatsby possa ser fruto do comércio ilegal de bebidas.

Outro ponto abordado na obra de Fitzgerald é a disparidade econômica que também é uma forte referência à década de vinte, sendo que enquanto de um lado viviam os grandes aristocratas tradicionais e todo seu dinheiro de origem familiar, do outro estavam os emergentes, conhecidos como novos ricos. Entretanto, abaixo deles ficavam as pessoas desprovidas de condições econômicas, que no livro podem ser representados pelo mecânico Wilson, sua esposa Myrtle Wilson e os trabalhadores da grande mina de carvão.

Durante o século XIX e até o meado do século XX, quando mudanças significativas realmente começaram a acontecer, as mulheres eram vistas como seres frágeis que dependiam do suporte financeiro e afetivo masculino para serem respeitadas e valorizadas socialmente, por mais que ainda continuassem sem poder trabalhar, ou ter uma educação que abrangesse diversas disciplinas do conhecimento, principalmente as científicas.

Dessa forma, as mulheres, salvo exceções, preocupavam-se apenas com sua aparência, sendo educadas para se portarem de forma que agradasse os padrões masculinos da época, elas gastavam tempo e dinheiro com toda oferta possível de se tornarem mais atraentes para assim conquistarem um bom casamento.

Na obra de Fitzgerald podemos observar um retrato da mulher desse período, representado pela personagem Daisy Buchanan, a garota dourada, que se demonstra uma personagem fútil, uma espécie de objeto sexual que vive a sombra do marido infiel apenas para sustentar um bom casamento, financeiramente falando. Em uma das falas dessa personagem, nos chama a atenção o desgosto e a desvalorização com que ela enxerga a sua condição feminina, dizendo: [...] That's the best thing a girl can be in this world, a beautiful little fool (FITZGERALD, 1920. p.20)

Além desta, outras duas figuras que nos refletem ao perfil das mulheres do período Belle Époque são as personagens Myrtle Wilson e Jordan Barker. Myrtle é uma mulher que submete-se as humilhações de ser amante Tom em troca de mimos caros, como apartamento e joias, para ela seu corpo é a única maneira de conseguir os seus anseios maté-

rias. Assim como Myrtle, Jordan é uma personagem extremamente vaidosa, incuravelmente desonesta e nunca suportou uma situação em que tivesse em desvantagem. Dessa maneira, depois de toda a tragédia que ocorrerá, Nick, com que Jordan tivera um relacionamento amoroso, ao procura-la descobre que ela está noiva de outro rapaz, que se encaixa perfeitamente no perfil bem sucedido da época.

As referências automobilísticas presentes na obra de Fitzgerald através dos diversos convidados que chegavam as festas de Gatsby, nos passeios que Jay e Nick e também na troca de carros antes do acidente que causa a morte de Myrtle, são referências ao status social conferido aos proprietários de carros naquele período, no qual tudo tinha um tom de novidade.

Além disso, a busca pelo proprietário do automóvel envolvido no acidente nos faz refletir, mais uma vez, sobre a diferença entre os novos ricos e os velhos diplomatas, sendo que os primeiros tinham um gosto mais extravagante na escolha de seus veículos como as cores vibrantes representadas no carro amarelo de Jay Gatsby, pois estes desejavam impressionar a sociedade e igualar-se, ou superar os aristocratas tradicionais.

Próximo a esta questão, Nicolau Sevcenko, um grande historiador brasileiro, aponta:

[...] Todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidas ou sugeridas pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. (SEVCENKO, 1983, p. 20).

Baseados nessa visão de Sevcenko e diante do exposto, compreendemos que através desta obra literária, Fitzgerald, nos apresenta um reflexo da década de 20; seus níveis de enquadramento social e sua escala de valores. Além disso, nos expõe as suas inquietações e revoltas, suscitadas por essa sociedade a qual ele está inserido.

Desta forma, também ressaltamos a capacidade que a literatura tem de documentar determinados momentos históricos, através das narrativas, e posteriormente, servir como arcabouço para o estudo e compreensão de determinada época.

**Das considerações finais: reflexos, humanizações e a necessidade da literatura**

A linguagem é fundamental para as relações humanas, pois é através dessa competência que conseguimos expressar nossas ideias, pensamentos, opiniões e sentimentos. A linguagem verbal e a linguagem corporal são dois exemplos desse incrível código de expressão dos sentimentos humanos.

No entanto, compreendemos a literatura como uma das mais poderosas formas de linguagem, pois ela vai além da linguagem comum e por isso, [...] “É por onde o desafiam também os inconformados e os socialmente mal-ajustado. Essa é a razão por que ela (a literatura) aparece como um ângulo estratégico notável para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de uma determinada estrutura social” (SEVCENKO, 1983, p. 20.).

Assim, entendemos a organização do discurso, através da literatura, como um meio de salientar questões e promover mudanças sociais. Dessa forma, podemos despertar os indivíduos para a construção de uma sociedade mais igualitária e menos fetichizada.

Sob tal aspecto atribuímos essa característica da literatura ao fato de que os escritores como, indivíduos sociais, produzem reflexos dessa sociedade a qual estão inseridos, através de suas obras e assim chamam os demais indivíduos para um processo de quebra dos paradigmas vigentes e, conseqüentemente, favorecem os critérios de humanização. Neste sentido, entende-se humanização como sendo:

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2004, p.180).

Por estas perspectivas, os aspectos citados por Candido são apresentados pelo personagem Nick, na medida em que o mesmo se debruça sobre a escrita para relatar as experiências vividas na West Egg, lembranças estas que o atormentavam e, nesse sentido, já podem observar uma característica intrínseca à literatura, que está para além do processo catártico: a sua função salvadora. Com base nessa visão, as obras literárias não apenas emocionam os indivíduos e os fazem refletir sobre o mundo, como são também capazes de ressignificar aspectos ideológicos – diante de um mundo em constantes transformações.

Sob este prisma, a literatura se torna ainda mais notável nesta obra, quando analisando o processo de escrita desenvolvido pelo personagem, Nick, podemos perceber o amadurecimento pessoal do mesmo e a mudança de algumas certezas que antes lhe pareciam fixas. No começo da obra, Carraway nos aparenta ser mais um jovem levado pela correnteza do sistema econômico e dos (des)valores morais da época. No entanto, a sua escrita nos mostra um homem mais maduro, crítico e consciente da realidade a sua volta, enquanto os demais personagens continuam a viver na aparente normalidade das coisas.

Desta maneira, fica evidente as possibilidades intersubjetivas da literatura, enquanto linguagem artística, como uma necessidade primordial para a construção dos indivíduos. Para tanto, faz-se necessário, as interfaces e diálogos para ampliação do estatuto literário em agregar, fomentar e divulgar os discursos ficcionais, em detrimento a posturas sectárias. Assim das vozes suprimidas e periféricas à lógica canônica; das produções de militâncias negras à produções homoerótica, o que se valida é a necessidade inalienável de comunicar, sobretudo, através do uso estético da linguagem.

### **Referências:**

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

FITZGERALD, F. Scott. **The Great Gatsby**. New York: Charles Scribner's Sons, 1925.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. 2 ed. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 2010.

MORAIS, Isabela Ligia. **A literatura e o seu poder de resgate da totalidade humana**. PUC Minas, 2009

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed São Paulo: Brasiliense, 1999.